

A realidade da intentona comunista

ALOYSIO FARIA DE CARVALHO
Colaborador

A partir da legalização dos partidos clandestinos brasileiros e, mesmo antes, com alguma timidez, seus militantes, muito em particular os participantes da ala intelectual daquelas organizações, encetaram terrível campanha com a finalidade de invalidar a imagem negativa do comunismo — segundo eles estereotipada pela propaganda oficial.

Uma das faces dessa imagem, sem dúvida a mais desgastante, é o violento aspecto de que se revestiram e se revestem as ações dos cultores do materialismo histórico e da dialética da mais valia, na busca incessante e cruel de seus objetivos.

Assim agem, sempre e suas diversas facções consideraram conveniente e de acordo com as respectivas análises conjunturais. A guerrilha, o terrorismo, o seqüestro e outras atrocidades são armas disponíveis nos arsenais vermelhos.

Na verdade, a violência é uma constante, a marca registrada, na história do comunismo em todos os quadrantes da terra, desde o golpe bolchevique de 1917, na Rússia, quando o frio assassinato do Czar e de toda a família ensajou a receita tenebrosa que seus seguidores, em todo

o mundo, continuaram aviando através dos tempos. O massacre de comunistas, ordenado por Stalin, o massacre dos estudantes húngaros em 56, os episódios da "Primavera de Praga" em 68, o atual quadro do Afeganistão e os inumeráveis atentados terroristas da ultra-esquerda, que se repetem incessantemente em diversos países, são fatos inquestionáveis a despeito da retórica dos arautos do marxismo-leninismo e de seus afins.

Nesse sentido, insistem e persistem em desvirtuá-los, moldando-os a seu talento, de modo a torná-los, diante da opinião pública, meras elucubrações "das forças reacionárias". Portanto, não constitui surpresa que, na proximidade das comemorações do cinquentenário da Intentona Comunista, quando se reavivam, na memória do povo brasileiro, os trágicos acontecimentos do 27 de novembro de 35, vozes "insuspeitas e respeitáveis" se levantem contra a postura legítima e imposterável de quem quer reverenciar, por obrigação e por devoção, as vítimas da insanidade comunista.

A memória comunista, é na realidade, uma desmemória.

Na interpretação de Oscar Niemeyer, por exemplo, seus velhos amigos, que participaram do motim chefiado por Prestes, com assessoria de agente estrangeiro, foram envolvidos "maliciosamente nessa história monstruosa que sugere covardias onde só existiu entusiasmo e idealismo".

A livre expressão de Niemeyer é um belo exemplo de tolerância e convivência democrática.

Essa versão do festejado arquiteto está registrada em recente artigo, produto de sua fértil imaginação criadora, publicado pela "Folha de S. Paulo" de 10 de novembro corrente, no qual, entre outras afirmativas — pueris e maledicentes — argumenta Niemeyer que "os comunistas não mataram ninguém dormindo, pois ninguém dorme em quartel de prontidão", como se tal detalhe, de estarem os militares dormindo, sonolentos ou acordados, pudesse apagar a verdade histórica, registrando a barbaridade do inominável crime praticado por seus velhos amigos.

E de que valem o entusiasmo e o Idealismo, quando colocados a serviço de objetivos escusos? Na realidade, a rebelião

de novembro é uma nódoa que estigmatiza os comunistas brasileiros. Talvez seja esta a razão pela qual muitos deles ainda atuam nas sombras, travestidos de "socialistas" ou mesmo, de "progressistas", num mimetismo político, ora veado, ora ostensivo.

Talvez seja por isso que muitos parlamentares comunistas insistem em permanecer nos partidos democráticos, enquanto os PC's minguam à falta de representatividade. Comunistas sem glórias no interior do povo brasileiro. Viventes de reglimes sem votos, sem partidos, sem representação popular. Urge, portanto, para eles, mudar a História, empurrando a verdade com a barriga e escondendo o lixo debaixo do tapete. Afinal a nossa vingança é que nós não pensamos como eles, como historicamente disse, sobre seus adversários políticos, o grande Imperador Marco Aurélio.

E neste sentido que as palavras de Niemeyer procuram ludir a opinião pública, clamando, no final do artigo, aqueles que lutam contra o revanchismo a enterrarem, definitivamente, o episódio da Intentona. Não conseguirão.

Estranho chamamento esse, quando se sabe que seus camaradas encomendaram a um escultor espanhol os bustos de Marighela e de Carlos Lamarca para entronizá-los num altar de heróis nacionais... comunistas, é claro. Sob a égide da force e do martelo! Querem criar mitos sem história. Inédito e mais estranho ainda.

Para qualquer arquiteto, mesmo despojado de talento — que não é o caso — torna-se fácil esconder, com simples tablique, um ambiente que não deve ser visto. Mas, na História, a colsa é diferente. Sua tentativa foi vã... e não está à altura do seu autor.

Oscar Niemeyer — arquiteto renomado, de prestígio além fronteiras, ajudou a construir, como uma das peças fundamentais, monumental cidade no Brasil. No entanto, ao tentar reescrever a história dos comunistas poderá, com sua imaginação fantástica, invadir o campo da geografia mundial. Movido ideologicamente será capaz, com seu talento, de recriar o mapa-mundi, extinguindo dele a Sibéria. Sua régua e seu compasso, contudo, correm o risco de um imenso borrão.